

In Mrs Brown: Fica Comigo Esta Noite

A Cor dos Anjos

No ano passado toda a gente teve a delicadeza de não me falar do Natal. O Frank e a Martha arrastaram-me para casa dos pais deles no Connecticut, e nem um cheiro a azevinho havia no ar. Ninguém falou em estrelas, pinheiros ou iluminações, não houve presentes, nem esses *christmas carols* que tu andavas sempre a cantarolar. Meu anjo. A televisão esteve sempre ligada num canal culinário. Evitaram cuidadosamente tudo o que tivesse um qualquer laivo de juventude, *music videos*, desportos radicais. Nos canais normais eles tinham medo que aparecesse, pela milionésima centésima vez, a imagem do avião a entrar pelas torres, entrevististas com as famílias dos sobreviventes, ou aqueles infundáveis debates em que tu me morres outra vez, submersa no horror abstracto

dos números. E depois há sempre alguém, do outro lado da mesa dos debates, que interrompe para perguntar: "E quantos morreram no Chile, a 11 de Setembro de 1973? E na Palestina ocupada? E em Hiroxima? E em..." E nessa altura a tua morte já nem é nada, tu nunca foste ninguém — só a filha felizarda de um emigrante português cheio de sorte. Uma jovem felizarda que numa bela manhã de Setembro teve o azar de entrar no sítio errado à hora errada. "Oh pá, da maneira que está o mundo... pelo menos a miúda não sofreu." Cães. Antes ladrassem. Antes me esquecessem, os que me querem consolar assim. Coitados. O que é que eu diria a um tipo que perdeu a filha — e por sua culpa?

Porque fui eu o culpado, sim. Há um ano que o *shrink* anda a tentar convencer-me que não, mas por mais mortais encarpados que faça ao Freud, eu sei que tenho culpa. Pelo menos de não ter morrido contigo. Sim, ao menos que tivéssemos morrido nos braços um do outro, ao menos que eu tivesse podido beijar-te, sussurrar-te que tudo aquilo era apenas um pesadelo, que daqui a pouco acordarias e tudo estaria bem, como quando tinhas seis anos e bastava contar-te uma história de palavras mágicas. Tu estavas a passar uns dias em casa de uma amiga, *downtown*, e lembraste-te de ir matar saudades do pai. Matar saudades, carraças. E o esperto do pai tinha decidido ficar mais um bocado na cama com uma namorada, para aproveitar bem a alforria temporária. Sofrias tanto, por causa dos namorados. Mas eu sabia limpar-te as lágrimas.

Levava-te ao colo até ao espelho, fazia-te rir, no fim já acreditavas que o azar era deles.

E quer o *shrink* que eu volte a namorar. Fácil de dizer. Encontro-te, dia após dia, hora a hora, em cada rapariga. Vou pela rua e vejo-te, todas as adolescentes de cabelo laranja ou lilás (mudavas muito de cabelo) se parecem contigo. O que é estranho, porque tu eras incomparável. A princípio gritava o teu nome. Cheguei a correr atrás delas, a agarrá-las. Agora continuo a ver-te, mas calo-me. Já sei que não podes ser tu — convenço-me de que não podes ser. Fui ao Kinoko's fotocopiar trezentos *flyers* com a tua cara, recortada de uma fotografia de férias, com os meus telefones por baixo, em números grandes. Passei dias a colar essas fotocópias pelas paredes da cidade. Nova Lorque estava coberta de fotocópias de sorrisos desaparecidos, com números de telefone garrafais. Durante semanas, que eu fui esticando até ao Inverno, havia aquela esperança de que tu estivesses em qualquer lado, de que tivesses conseguido fugir de alguma maneira, por alguma escada esquecida.

Às vezes estou no café e levanto-me de repente, ergo a mão para te acenar quando tu entras. Então a rapariga verdadeira, que não és tu, franze o sobrolho, com um ar desconfiado, e eu vejo que aquele rosto não é o teu — embora, querida filha, tu fosses muito desconfiada. Muito crédula e muito desconfiada. Nunca chegaste a ter idade para o pacato meio termo. Desvió o olhar para o vazio, atrás da rapariga que já não és tu, e continuo a acenar, até que ela perceba que não estava a tentar meter conversa. Nos primeiros meses, quando eu

corria para os braços dessas múltiplas mistificações de ti, elas acarinhavam-me: “Não, não sou eu, desculpe.” Sorriam-me, tinham pena. Digam lá o que disserem, a pena é uma coisa boa. Tenho pena de ti, amor lindo, uma pena infelizmente muito intermitente, quase sempre mais pequena do que a raiva que tenho de mim mesmo. E a pena dos outros foi um grande conforto. Apapaticaram-me, levaram-me ao colo para a cadeira do psiquiatra. Até me arranjaram emprego. Evitaram cuidadosamente qualquer referência a filhos, em particular meninas. Agora já ninguém tem pena. Dizem-me que tenho que reagir, que a vida continua, que já lá vai um ano. Acham que estou a reagir bem, porque tomo todos os comprimidos que o *shrink* me impinge e trabalho que nem um louco, fins de semana incluídos. E engordei, o que é sempre um grande alívio para os amigos. Engordei porque carregue na dose de cerveja, e deixei de ter paciência para cozinhar. O rolo de carne que tu adoravas, os grelhados aromáticos que eu fazia quando tu não querias comer para não engordares, para que me serviriam agora? Vivo de fatias de pizza. Como já não ando a farejar namoros, nunca mais tive de fazer de conta que gosto de sushi. Nem tenho de me preocupar em olear os músculos no *gym*. A boa notícia é que já ninguém está preocupado comigo. A má notícia é exactamente a mesma. Caso eu tente falar de ti, um minuto que seja, cortam-me o pio. Dizem que já devia ter “feito o luto”. Aparentemente, há um tempo certo para isso, e eu estou a pisar o risco. A tornar-me inconveniente. A ponto de chumbar, na opinião

dos meus amigos. Depois de todo o carinho e apoio que me deram. Que ingrato, realmente. Todos acham que eu preciso de uma mulher. Há vinte e dois anos que vivo em Nova Iorque, e agora repararam que uma mulher faz sempre falta. Dantes, os homens invejavam-me os namoros (“não te cases, rapaz, não sejas parvo”) e as mulheres deles achavam que eu fazia bem em não te impor uma madrasta. Passavam a vida a gabar a minha relação excepcional contigo. Agora, pequenina, é como se tu nunca tivesses existido.

Devia ter sido eu a morrer naquele dia, sozinho. Telefonava-te e dizia-te que te continuaria a amar e a acarinhar até ao fim da vida, e que só me zangava contigo se tu decidisses não ser feliz. Há noites em que consigo sonhar que estávamos lá os dois, mas conseguíamos saltar sobre as chamas e correr pelas escadas de serviço antes do desabar das torres. E continuamos a correr durante horas, de mãos dadas, pela escuridão, e depois o céu volta a ser azul e nós ficamos deitados na relva, abraçados, a chorar e a rir. Depois percebo que estou só a sonhar e começo a esforçar-me por prolongar o sonho, esticá-lo até ao sono derradeiro.

Obrigaram-me a mudar de casa. Levaram a tua roupa e escrivainha, e o caixote dos CDs. Quiseram fechar o resto num cofre, longe da minha vista — cadernos, cartas, livros sublinhados, bonecas, jóias. E aconselharam-me a não ver tantas vezes os vídeos, e as fotografias. Mas eu não quero esquecer-me de ti. Nos primeiros meses tinha medo de que o esquecimento me anestesiasse, mesmo sem eu querer.

Agora já percebi que, pelo contrário, o teu riso se torna cada vez mais real, à medida que o tempo passa. E a tua voz, cantando. Até o teu cheiro. Sei tudo o que tu me responderias em cada situação — porque agora respondes-me sempre, já não fazes só “hum-hum” com os *headphones* na cabeça. Mas continuo a acordar a meio da noite com a tua voz, aterrada, no gravador de mensagens do meu *cell phone* (que estava desligado, claro). Dizias que havia um fogo horrível uns andares abaixo, perguntavas-me onde estava: “Pai, pai, onde é que tu estás?” Nunca percebi se terias chegado a perceber que ias morrer. Se primeiro desmaiaste com o fumo e já não deste por nada, ou se. Toda a gente me garante que tu não deste por nada, claro. Esta unanimidade parece-me muito suspeita. Querem perdoar-me à força, porque não se pode viver com um imperdoável.

Só a tua mãe não me perdoou: “Não te perdoou que não tivesses sabido tomar conta da minha filha.” Mas este desabafo não me magoou nem me comoveu. Ela largou-te com quatro anos, bolas. Podia ter—lhe dito... tanta coisa que lhe podia ter dito. Mas calei-me, por uma questão de justiça elementar. Se ela não nos tivesse abandonado, nós não teríamos vindo para Nova Iorque. E tu repetiste-me muitas vezes que eu era o melhor pai e a melhor mãe do mundo. Além disso, amavas Nova Iorque — mesmo, ou sobretudo, quando te zangavas com ela. Amavas esta cidade como se ama uma só vez uma pessoa, até ao extremo de todos os sentimentos. Talvez nunca tenhas chegado a amar ninguém assim.

Namoradas, dizem eles. Às novinhas, dá-me vontade de lhes chamar meu anjo, como te chamava a ti. Quanto às da minha idade, radiografado ao primeiro olhar o pendor controlador e acusador. À segunda noite já estariam a competir com o meu amor desaparecido. A baralhar tudo. A contar todas as histórias de mortes na família, até à quinta geração. Jesus. A quantidade de gente que me veio contar desgraças de filhos, sobrinhos e afilhados mortos em acidentes horríveis. Ou então entrevadinhos — para que eu entendesse a sorte que tenho, percebes?

Este Natal, decretaram oficialmente terminada a época do luto. Queriam levar-me de consocada em consocada, cantando e ressuscitando até ao Ano Novo. Mandeí-os bugiar. No dia de Natal levantei-me cedo e decidi ir ver os anjos nas ruas de Nova Iorque. A manhã estava muito fria, uma dessas manhãs em que nascem nuvens azuis da nossa respiração. Sempre imaginei que os anjos gostavam de nuvens e frio, pelo menos era o que tu me dizias, quando passeávamos, de mão dada, até à pista de gelo do Prospect Park. Gostavas tanto de patinar no gelo. Mas não havia agora anjos à vista — só meia dúzia de raparigas de gorro, com ar apressado, carregadas de sacos de embrulhos, nenhum ser alado com o cabelo roxo e uma colecção de *piercings* a brilhar.

Caminhando pela manhã deserta, passei pelo hospital onde dantes fazia voluntariado e entrei para dar sangue. No dia de Natal há sempre mais feridos do que dadores, é uma coisa que não ocorre às pessoas. Fui ficando por lá, na sala

de espera das urgências, consolando crianças feridas, algumas delas doentes e abandonadas. Passei o dia a inventar histórias de monstros afáveis em planetas distantes e consegui esquecer-me das horas. Desde que tu desapareceste, o tempo tornou-se pesado, cada hora repete a tua vida inteira e o desespero da tua ausência. Percebi que me conduziras os passos até este hospital para me ofereceres outra vez a possibilidade do riso.

Anjo lílãs. Obrigado pelo teu presente de Natal. Sempre tiveste um talento especial para me surpreenderes. Deves moer o juízo ao Velhote das barbas, aí em cima. Fu sei que não acreditava nele, nunca acreditei. Nem quando tu desapareceste no inferno das torres — a partir dessa data passei até a odiá-Lo. Claro que só se odeia aquilo em que se acredita, nisso tens razão, querida. O teu riso com guizos de renas, natal em todas as estações. Mas o pior é que quando muita gente acredita em alguma coisa, essa coisa passa a existir mesmo. Para mim o Grande Manipulador de Marionetas nunca existiu, mas já reparaste quantas guerras existem no mundo, desde sempre, por causa Dele? O teu riso com dedos de sol, a dizer-me que Ele é igual a nós, ao que imaginamos de nós. Tantas crianças sem ninguém, pelo mundo fora, sussurras-me tu. Nenhuma delas serias tu, digo-te eu, e o teu riso aquece-me, faz troça de mim. Preciso tanto que faças troça de mim. Talvez um dia encontre esse teu riso trocista, vais emprestá-lo a um rosto inesperado, provavelmente de uma cor diferente do teu. Tanto que tu gostavas de cores diferen-

tes, da radiosa diferença de qualquer cor. O teu riso, agora em arco-íris, ilumina essa criança que ainda não conheço, que não sei se algum dia querei conhecer. Talvez o riso seja mais contagioso do que a dor. Talvez. Mas, por agora, dou as mãos à memória da tua voz para regressar a casa, dançando do passeio para o asfalto as canções de Nova Iorque que tu cantavas por cima da minha voz, quando eu te ralhava. Por agora, danço entre os arranha-céus até que eles se diluam, danço como se tu pudesses renascer da água dos meus olhos, inundada de luz.